

Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano

Maria Cristina Cortez Wissenbach
Universidade de São Paulo

Nos últimos tempos uma nova escala de observação historiográfica tem permitido repensar a expansão marítima e a formação dos territórios do ultramar, redimensionado de um lado, os circuitos que tomaram mercadorias, ideias e saberes e de outro, as dinâmicas de encontro entre sociedades europeias e não europeias em diferentes partes e continentes. Desde a percepção do oceano enquanto espaço histórico, introduzido pelos expoentes da Escola dos Annales, sobretudo Fernand Braudel, aos conceitos historiográficos que mobilizaram a ideia de fluxos e refluxos, de mundos em movimento,¹ até chegar ao conceito de mundialização ou da *primeira globalização* e ao de *connected histories*², o processo cultural subjacente aos encontros dos tempos modernos vem sendo pensado numa perspectiva mais dialógica e a partir da ideia de circulação e produção de saberes.

1 Pierre Verger. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX*. Tradução de Tasso Gadzanis. Salvador, Ed. Currupio, 2002. Charles Boxer. *O império marítimo português (1415-1825)*. Tradução Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo, Cia. das Letras, 2002. A. J. R. Russell Wood. *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*. Tradução Vanda Anastácio. Lisboa, Difel, 1998.

2 Serge Gruzinski. *Les quatre parties du monde. Histoire d'une mondialisation*. Paris, Les Éditions de La Martinière, 2004; Serge Gruzinski, *Les mondes mêlés de la Monarchie Catholique et autres connected histories'*, Annales HSS, janvier-février 2001, no I, p. 85-117. Sanjay Subrahmanyam, *Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia*, in: *Modern Asian Studies*, vol. 31, Issue 3, The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800, 1997, p. 735-62.

Para a revisão historiográfica aludida, alguns enfoques foram relativamente deixados de lado. A nova escala exigiu um distanciamento de olhares exclusivamente nacionalistas e excessivamente eurocêntricos e uma aproximação progressiva aos conceitos de trocas culturais, apropriações e reapropriações, aportes de diferentes origens, na direção muitas vezes, e em última instância, de uma experiência coletiva historicamente configurada. Essa ótica vem ganhando força, por exemplo, quando são observadas as maneiras pelas quais os navegadores e comerciantes portugueses se posicionaram diante das estratégias e dos circuitos de mercadores africanos ou asiáticos, intrometendo-se em rotas e modalidades pré-existent, na África³, mas principalmente no Índico, dominado pelas comunidades islamizadas da costa oriental africana e do subcontinente indiano⁴. Quando, diante da carência de produtos metropolitanos e urgidos por determinadas circunstâncias, investigaram e se valeram de sucedâneos informados pela farmacopeia indígena - processo do qual, Garcia Orta (1501-1568), médico de Martim Afonso de Souza, estabelecido em Goa, seja talvez uma das expressões mais bem acabada, ao propor os meios e os métodos de sobrevivência dos portugueses nos trópicos⁶. Ou mesmo ainda quando justificaram e instrumentaliza-

3 Isabel de Castro Henriques, *L'Atlantique de la Modernité: le part de l'Afrique*. In: *Le Portugal et l'Atlantique*. Lisboa; Paris, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, XLII, 2001; J. B. Ballong-Wen-Newuda. A instalação de fortalezas na costa africana. Os casos de Arguin e da Mina. Comércio e contatos culturais. In: L. Albuquerque Corg.). *Portugal no mundo*, volume II. Lisboa, Publicações Alfa, *sid*.

4 Luís Filipe F. R. Thomaz. Os portugueses e as rotas das especiarias. In, *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1994, p.169-243; segundo o autor, no Índico, ao contrário do Atlântico, "era conhecida a existência de interesses comerciais já estabelecidos. Os portugueses não contavam pois com o vazio econômico e político de 'mares nunca dantes navegados: p. 212. Ressalta-se o exagero da ideia de vazio econômico e político, considerando notadamente o comércio caravaneiro e de cabotagem que enviam os reinos do litoral atlântico da África.

5 Alfredo Margarido. *Plantas e conhecimento do mundo nos séculos XV e XVI*. Lisboa, Alfa, 1990. Isabel de Castro Henriques. *Plantes importée et économie de plantation dans le Golfe de Guinée (XV-XVII)*. Universidade Paris I, 1974.

6 Charles Boxer, *Two Pioneers of Tropical Medicine: Garcia d'Orta and Nicolau Monardes*. London, The Hispanic and Luso-Brazilian Councils, 1963. Garcia d'Orta. *Colóquios dos simples e drogas e causas medicinais das Índias (1563)*. Edição organizada pelo Conde de Ficalho. Lisboa, Academia Real das Ciências, Imprensa Nacional, 1891. Sobre as concepções médicas e terapêuticas, em suas várias versões, na Índia do século XVI e entre elas a do cristão novo, o físico Garcia Orta, ver: Inês G. Zupanov. *Drugs, Health, Bodies and Soul in the Tropics: Medicinal Experiments in 16th Century Portuguese India*. *The Indian Economic and Social History Review*, 39,1,2002.

ram o comércio atlântico de escravos a partir de instituições e de usos e costumes das sociedades locais?

Além disso, essa mesma perspectiva ampliada e dinâmica condiciona uma outra maneira de perceber os agentes europeus que participaram da formação do mundo atlântico, determinando tanto a iniciativa coletiva - financeira, tecnológica e cartográfica - para os diversos empreendimentos ultramarinos, como a ideia de lastros, de conhecimentos pragmáticos que foram sendo transmitidos de uma geração a outra, entre diferentes nacionalidades e agentes que participaram do movimento de expansão e de formação das novas sociedades. Incluindo-se aqui o conhecimento acumulado pelo mundo árabe, expresso, entre outros, na destreza de seus pilotos na navegação por entre as monções.

No processo histórico visto dessa maneira, as fontes históricas têm sido necessariamente reavaliadas. Em particular a literatura de viagem que acompanhou o movimento de expansão e as diferentes fases de ocupação nas terras ultramarinas foi profundamente discutida, sem perder sua importância. Num seminário sobre as fontes europeias para a história da África pré-colonial, realizado em Berlim em 1987, os organizadores Beatrix Heintze e Adam Jones reafirmam a necessidade de uma crítica histórica apurada exatamente para que tais narrativas sejam avaliadas para além

7 Catarina Madeira Santos. *Entre deux droits, les Lumieres em Angola*. Annales. Histoire, Sciences Sociales, Paris, 4, 2005, p. 817-48. Roquinaldo Ferreira, "Ilhas crioulas"; o significado plural da mestiçagem cultural na África Atlântica. Revista de História, São Paulo, n.º. 155, 2007. *Revista de História, Dossiê África & América* (org. Maria Cristina C. Wissenbach), 155, 1º, 2006, p. 17-41. É importante atentar, de antemão, que esta perspectiva de interpretação distancia-se da preconizada pelo lusotropicalismo de Gilberto Freyre que enaltece, na mestiçagem e na adaptação aos trópicos, a plasticidade dos portugueses e sua capacidade de se fundirem, numa dimensão histórica, destituída de tensão e, sobretudo, relacionada a um possível caráter sublimado deste povo nas aventuras do ultramar. Como afirma, em contraposição, Ines Zupanov, analisando os missionários na Índia: "If Portuguese merchants, royal officials, and ecclesiastics adapted rapidly (if at all) to the difficult climate and learned how to deal with the overpowering cultures surrounding them in Asia, partly by adapting to and partly by fencing themselves off from them, it was because they had no choice and simply managed to control their weakness, rather than because of the plasticity and compositeness of their character". Ines G. Zupanov. *Missionary Tropics: the Catholic Frontier of India, 16th - 17th centuries*. Ann Harbor, University of Michigan, 2005, p. 19-20. Ver também: John Monteiro, Mestiçagem e mitografia no Brasil e na Índia Portuguesa. In: *Tupis, tapuiais e historiadores - estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Campinas, 2001. Tese de Livre-docência, Unicamp.

de seu caráter eurocêntrico e atingidas em suas inflexões e características próprias.⁸ Reafirmam a necessidade de que tais autores sejam percebidos em sua heterogeneidade e determinadas, sobretudo, maneiras diferenciadas de se vincular aos negócios do ultramar. Também africanista, Isabel de Castro Henriques vai mais além e chama a atenção aos textos produzidos por autores que ela denomina como sendo os angolistas,⁹ militares profundamente comprometidos com o poder e a administração portuguesa em Luanda, como o cronista setecentista das guerras angolanas, Antonio Cadornega; outros como o brasileiro Elias da Silva Corrêa, estabelecido em Angola no século XVIII; expedicionários como os pombeiros escravos da feira de Kassange, o mestiço Pedro João Batista e seu companheiro Anastácio Francisco, na viagem pioneira da costa à contra-costa, feita nos anos de 1840; finalmente, colonos estrangeiros instalados, nos finais do século XIX, de maneira enraizada nos sertões de Angola, como por exemplo, o húngaro Lázsló Magyar e o luso-brasileiro Rodrigues Graça.

Em outras palavras, na reavaliação metodológica, embora as narrativas continuem passíveis de crítica, tal como qualquer outro tipo de fonte, os "viajantes" começam a ganhar historicidade e contornos definidos, relacionados ora à época, ora aos contextos específicos que confluem em suas obras. São distintos em sua natureza e nas formas de se relacionarem com as sociedades locais, são diferentes as visões do missionário, do mercador e do soldado, flexionadas por seus intentos, pelo tempo de permanência e pelo envolvimento com as populações locais.

Conforme ainda os estudiosos desta produção, os relatos de viagem compreendidos entre os séculos XVI e XVIII, ligados à expansão e à dinâmica histórica do Atlântico nesta época, possuem características que lhes são próprias e que os distinguem dos que foram produzidos em outros períodos. Em decorrência do pragmatismo destas obras, do caráter essencialmente utilitarista, do plágio e da autoria coletiva formam, por assim dizer, conjuntos de informações que vão sendo apropriadas e transmitidas por gerações diferentes de viajantes. Para ilustrar essa ideia, simplificando, é possível afirmar que as crônicas portuguesas do século XV e XVI reaparecem nos textos de autores holandeses do século XVII e estes por sua vez, inspiram as narrativas inglesas e francesas do século XVIII. Evidenciando aquilo que Luis Felipe de Alencastro tão

8 Beatrix Heintze; Adam Jones. Introduction. In: *European Sources for Sub-Saharan Africa before 1900 - Uses and Abuses*. Número especial de Paideuma, 33, 1987. Numa perspectiva crítica similar sobre a fonte relatos de viagens: José da Silva Horta. *A representação do africano na literatura de viagens, do Senegal à Serra Leoa (1455-1508)*. *Mare Liberum*, 2, 1991, 209-338.

9 Isabel de Castro Henriques. Presenças Angolanas nos documentos escritos portugueses. In: *Os pilares da diferença: relações Portugal-África, séculos XV-XX*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004, p. 61-89..

bem sintetiza, "cruzando os mares, missionários, militares, mercadores e funcionários régios trocavam informações sobre os ares e os azares da empreitada colonial no Atlântico Sul¹⁰".

Assim, tendo como pressuposto tais considerações, o intuito desta comunicação é discorrer sobre a temática geral dos encontros culturais e da transmissão e apontar aspectos do processo de trocas que acompanhou o movimento de estabelecimento dos europeus no ultramar, sobretudo nas áreas compreendidas no flanco atlântico da expansão. Tomando como referência algumas narrativas e especificamente questões relacionadas às doenças e à adaptação dos homens brancos aos climas tropicais, a ideia geral que gostaria de enfatizar é a de lastros, da formação de redes de propagação de conhecimentos que se tornaram marca do universo atlântico luso-afro-americano. E que implicaram, em diferentes níveis, o reconhecimento de competências.

A divulgação de informações relacionadas às viagens marítimas e às descobertas aparece já nos primórdios destes movimentos, como um dos principais intentos das grandes coleções de viagens editadas desde os meados do século XVI por editores italianos (entre outros, Gian Battiste Ramusio, 1559), ingleses (como Richard Hakluyt, 1587 e Samuel Purchas, 1625) e flamengos (De Bry, 1590 e van Linschoten, 1596)¹¹. Reafirmando a ideia de que nem sempre os centros produtores de conhecimento eram os centros de difusão, grande parte dessas coleções envolveu a compilação de relatos feitos por pilotos ou agentes a serviço das coroas ibéricas, em suas viagens à América, ao Oriente e à África. Só para mencionar algumas, encontram-se aí reproduzidas as narrativas de Alvise de Cadamosto, Leão Africano, Cabeça de Vaca, Tomé Pires, Vasco da Gama, Vespuccio, Pigafetta, Fernão Cardim. Na suposição de algumas delas terem sido roubadas por corsários ingleses e franceses, segundo Numa Bloc, a iniciativa edi-

10 Luiz Felipe de Alencastro. *O trato dos viventes - formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo, Cia. das Letras, 2000, p. 259.

11 Tais coleções eram formadas por vários volumes nos quais estavam incluídos roteiros portugueses e espanhóis sobre a África, a Ásia e a América, mantidos até então em segredo. Para o século XVIII, menciona-se ainda a coleção de Thomas Astley, publicada em Londres entre os anos de 1745-1747, *A New General Collection of Voyages and Travels*. Referindo-se especificamente às obras de Linschoten e de Hakluyt, afirma Numa Broc seu caráter de obras militantes, espécie de bíblia para colonos e navegantes na época de expansão holandesa e inglesa. Numa Broc. *La géographie de la Renaissance (1420-1620)*. Paris, Les Éditions du c.T.H.S., 1986, p. 41.

torial dos séculos XVI e XVII, por meio de uma apropriação quase que indébita, retiraram-nas do esquecimento a que possivelmente estariam relegadas nos intentos das Coroas¹². Os objetivos dos grandes editores eram claramente programáticos e pragmáticos: destinavam-se a atizar a curiosidade e também a ganância de seus governos, levando-os às aventuras coloniais instruídas por tais roteiros. Buscavam, para tanto, a experiência, ou melhor dizendo, a competência ibérica desenvolvida já em quase um século da expansão.

No caso dos holandeses, Jean-Hugues Linschoten (ou Linschot) - o primeiro holandês a realizar a travessia entre Lisboa e Goa e permanecer vários anos nos domínios lusos - esta aproximação à experiência dos portugueses é física também pois prenuncia a ação voraz da Companhia das Índias Orientais e Ocidentais sobre os territórios lusos do ultramar. Além de colecionar roteiros de pilotos espanhóis e portugueses sobre a navegação das Índias (Duarte Lopes, Pierre Martyr, Oviedo e J. de Lery), realiza uma espécie de périplo pelos territórios portugueses do Índico e do Oriente, chegando à China e às Molucas, passando no retorno pela África e pelo Brasil¹³. Da mesma forma que outros holandeses vieram depois dele, relata em detalhes, nos finais do século XVI, a aprendizagem que retirou desta observação: descreve as cidades portuguesas, sobretudo Goa, o modo de vida dos portugueses aí estabelecidos (inclusive as doenças de que padeciam e as instituições hospitalares que os abrigavam), o relacionamento com os povos, e dedica longos trechos ao comércio das especiarias e sobretudo ao das drogas medicinais usadas por médicos, boticários e curandeiros nativos, em sua enorme variedade que vai dos produtos importados vindos da China e da Pérsia - o maná, o ruibarbo e a pedra de bezoar - às ervas utilizadas pelos tupinambás¹⁴.

Uma vez que dependeu da mobilização de agentes, intermediários e informantes, essa apropriação de conhecimentos não se limita aos ricos territórios do Oriente; dirige-se também às costas da África Ocidental, atingindo personagens históricos relacionados a uma história menos formal da presença ibérica no ultramar. Ou melhor, menos institucional no sentido de que ainda não se encontram claramente implantadas as estruturas administrativas coloniais, do império no século XVI.

12 Numa Broc, *La géographie de la Renaissance (1420-1620)*, p. 45.

13 Jean Hugues Linschot, *Histoire de la Navigation de {...} hollandois: aux Indes Orientales contenant diverses descriptions des lieux jusques à present decouverts par les portugais...* Amsterdam, Chez Evert Cloppenbourg, Marchand Libraire, 1638.

14 Jean Hugues Linschot, *Description de l'Amérique & des parties d'icelle ...* especialmente p.43-52.

Desde esta época, foram as coletividades de populações mestiças, luso-africanas, as que forneceram as informações e o vínculo necessário às sociedades locais, em função dos laços, comerciais e de parentesco que mantêm com estas por meio de uniões inter-raciais¹⁵. Originários dos chamados *lançados*, estabelecidos em diferentes pontos da costa da Alta Guiné, entre Casamansa e Serra Leoa, e também em determinadas áreas da Costa do Ouro, a princípio estes agrupamentos combinam a feição misógina da expansão com a utilidade dos excluídos do reino¹⁶. No caso da Senegâmbia e dos rios da Guiné, eram provenientes de degredados, de cabo-verdianos migrados em direção ao continente, ou de simples aventureiros, em grande parte judeus e cristãos novos perseguidos pela Inquisição e que estendiam suas relações aos portugueses exilados nos Países Baixos, bem como às comunidades sefarditas das Américas¹⁷. Vistos com desconfiança pelas autoridades metropolitanas, considerados à margem da lei, dos monopólios e dos contratos, logo se transformariam nos principais intermediários entre os mercadores atlânticos e as redes comerciais da região¹⁸ graças ao domí-

15 Sobre as populações mestiças da Guiné, no geral, ver: Philip Havik, Comerciantes e concubinas: sócios estratégicos no comércio atlântico na costa da Guiné. In: *A dimensão atlântica da África*. Anais da II Reunião Internacional de História de África (Rio de Janeiro, 1996). São Paulo, CEA/USP, SDG-Marinha; Capes, 1997, 161-179. Philip Havik. *Silences and Soundbytes. The gendered dynamics of trade and brokerage in pre-colonial Guinea Bissau region*. Münster, LIT Verlag, 2004. Jean Boulegue. *Les luso-africaines de Sénégambie, XVI - XIX siècles*. Lisboa, IICT/CRA, 1989. George Brooks, *Euroafricains in Western Africa: commerce, social status, gender and religious observance from the sixteenth to the eighteenth century*. Athens, Ohio University Press; James Currey, 2003.

16 Charles Boxer. *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire*. Oxford, 1963; *Idem. Mary and Misogyny: Women in Iberian Expansion Overseas, 1415-1815*. London, Duckworth, 1975.

17 Antonio de Almeida Mendes. Le role de l'Inquisition en Guinée - vicissitudes des présences juivres sur la Petite Cote (XV-XVII siècles). In: F. Bettencourt; Philp Havik. *Inquisição em África*. Colóquio realizado no Centro Cultural Gulbenkian, Paris. Revista Lusófona de Ciência das Religiões, ano III, 5/6, p. 21-173. Afirma o autor a condição distinta e singular dos judeus estabelecidos na Petite Côte, na Senegâmbia: "organisés em communauté, ils s'appuyaient sur des liens forts avec les communautés sérades installées aux Pays-Bas et dans les possessions américaines", p. 154. Sobre o assunto também: Peter Mark; José da Silva Horta. Two Early Seventeenth-Century Sephardic Communities on Senegal's Petite Cote. *History in Africa*, 31, 2004, 231-256.

18 O caráter marginal dos lançados é contestado pela historiografia mais atual. Entre outros: Maria João Soares. Para uma compreensão dos lançados nos rios da Guiné. *Studia*. Lisboa, 56-57, 2000, p. 147-222.

nio que mantinham do comércio da noz-de-cola, atividade sobre a qual a Coroa, posteriormente, guardaria segredo: "fruta como castanhas e que he o principal dinheiro porque se vende muyto e tem estes reis muita amizade com os Portugueses no trato", como diziam as crônicas da época.

Foram os luso-africanos (muitos deles referidos nominalmente) os informantes de André Almada, escritor cabo-verdiano dos finais do século XVI que possuía interesses mercantis direcionados a esta região e que seguia os passos destes intermediários quando inventariava as possibilidades econômicas da Alta Guiné¹⁹. Colocados lado a lado, a compreensão da figura de Almada e a dos *lançados* é esclarecedora. Ambos mestiços que apesar de não se distinguirem fisicamente dos habitantes da região, continuavam a se afirmarem portugueses: o primeiro, por sua origem cabo-verdiana e pela condição de mercador, os segundos por serem cristãos (ou cristãos-novos), por falarem a língua portuguesa junto a um dialeto crioulo, mas também pelo fato de pertencerem a clãs de mercadores que se dedicavam ao trato à longa distância²⁰. da mesma forma que seus parceiros africanos, os diulas, ou julas, comerciantes ambulantes e provenientes da diáspora mande. Esses últimos, chamados também de *bixirins*, eram os mesmos marabutos com os quais Almada e os demais cronistas da época mantinham frequente comunicação.

Os mesmos luso-africanos foram também hospedeiros e objeto da ação catequética dos jesuítas quando, nos finais do século XVI, estes missionários promoveram incursões pelo litoral da Guiné, com o intuito de reconduzir seus conterrâneos novamente ao grêmio da Igreja - expatriados entregues aos modos de vida local, segundo os mesmos jesuítas²¹. Mas foram também, e principalmente, seus aliados quando os padres avaliavam as possibilidades tanto da conversão das chefias africanas locais, quanto da tomada de posse definitiva de áreas em Serra Leoa, projeto pretendido em nome da Coroa Ibérica - áreas de terras altas que apresentavam ótimas condições

19 André Álvares de Almada. Tratado breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde (1594). In: Antonio Brásio. *Monumenta Missionária Africana*, vol. 3, 329-378. José da Silva Horta. Evidence for a Luso-African Identity in "Portuguese" Accounts on Guinea of Cabo Verde (16th - 17th Centuries). *History in Africa*, 27,2000,99-130.

20 Peter Mark. The evolution of Portuguese Identity: Luso-Africans on the Upper Guinea Coast from 16th to 19th century. *Journal of African History*, 40,1999,173-91; Peter Mark. *Portuguese Style and Luso-african Identity*. Bloomington, Indiana University Press, 2002.

21 Philip Havik. *Missionários e moradores na costa da Guiné: os padres da Companhia de Jesus e os tangomaos no princípio do século XVII*. Studia, CEHCAИICT, 5617, 2000, 223-62.

para o estabelecimento de engenhos, segundo a correspondência do padre Baltazar Barreira, no comando da expedição²².

Neste processo de estabelecimento de cadeias de intermediários, e em decorrência, de redes de transmissão de informações e de conhecimentos, é necessário sublinhar a atuação da Companhia de Jesus, instituição essencial na ampliação dos saberes desta época e que agia por meio de um moderno sistema que tinha como base os colégios, ligados a Roma e, numa escala policêntrica, às missões espalhadas pelos vários continentes²³. A historiografia vem deslindando as particularidades das ações jesuíticas nos diferentes pontos do Império, e entre eles, a disposição em manter relacionamentos distintos com as populações locais. No que tange as relações interculturais, a produção epistolar inaciana, inventário de usos e costumes, reaparece em seu sentido etnográfico, uma vez que os missionários buscaram construir a aparelhagem do encontro e da catequese, na forma do entendimento das línguas, na difusão da escrita, na descrição dos usos e dos costumes, postura que, por vezes, extrapola-se a uma imersão nas sociedades extraeuropeias²⁴.

Voltando às narrativas, desde os cronistas e navegadores portugueses do século XV, um dos traços característicos dos relatos de viagem que vimos tratando é a qualidade que apresentam em acompanhar historicamente o processo de estabelecimento dos europeus na região, bem como em informar as maneiras pelas quais se concretizava, em última instância, a inserção das sociedades da África subsaariana no mundo atlântico. Com isso, nas narrativas feitas por holandeses, franceses e ingleses, a referência à história pregressa e aos pioneiros portugueses é quase sempre obrigatória, considerando o simples fato de que a observação de sua experiência poderia indicar as formas de conduzir os negócios africanos. De um lado, as instruções em como negociar com os mercadores locais e fazer os tratados com as autoridades africanas; e

22 Pe. Balthazar Barreira. Descrição da Costa da Guiné começando ao Cabo Verde até a Serra Leoa (01-08-1606). In: Antonio Brásio, *Monumenta Missionária Africana*, vol IV, 2'. Serie, 159-173.

23 Antonella Romano. Les colleges jesuitiques, lieux de sociabilité scientifique 1540/1640. *Bulletin de la Société de Histoire Moderne et Contemporaine*, 3-4, 1997, 6-20.

24 José Eisenberg. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno. Encontros culturais, aventuras teóricas*. São Paulo; Belo Horizonte, Humanitas; Ed. UFMG, 2000, 46-58; Ines G. Zupanov. *Missionary Tropics: the Catholic Frontier of Índia, 16th – 17th centuries*, introdução.

de outro, em como escolher as melhores peças escravas e como transportá-las, diminuindo ao máximo as perdas e riscos consideráveis da travessia.

Observações atentas às experiências dos portugueses na África presidiam as narrativas feitas nos séculos posteriores. Aparecem, sobretudo nas descrições de Jean Barbot que segue os caminhos dos cronistas holandeses, acrescentando-as às suas próprias vivências como capitão dos navios negreiros da Royal African Company²⁵. Também seu sobrinho, numa viagem feita ao rio Congo e à Cabinda em 1700, informa-se sobre as particularidades de tais regiões a partir dos relatos portugueses, mesclando ou quase confundindo descrições geográficas com usos e costumes dos habitantes da região:

Several Portuguese relations of voyage from Brazil to Congo and Angola, observe, that the people inhabiting the western African shores, from thirty degrees south latitude, to Cape Negro [...] are cannibals, and that there are many fine large harbors, formed by nature, and capable of receiving two or three thousand ships each of them. The Portuguese call those Africans *Papagentes*. . . .²⁶

Desta forma, mesmo que os portugueses tenham se tornado relativa e progressivamente ausentes no comércio em determinadas áreas do litoral da África, vencidos pela concorrência com os negociantes de outras nacionalidades, sua experiência e sua habilidade foram destacadas de forma recorrente na documentação. Em sua viagem a Serra Leoa, nos finais do século XVIII, o tenente inglês John Matthews refere-se a uma presença que, para ele, já se tornara residual:

The Portuguese were the original discoverers of the whole coast of Africa, and most of the trading places still retain the name given them by the first adventurers; they also formed many considerable settlements, vestiges of which are still remaining not more remarkable for the durability

25 No prefácio a uma nova edição de parte das obras de Jean Barbot, seus comentadores observam a inspiração de trechos de suas descrições retiradas das obras de Olfert Dapper e Nicolas Villault (em "As fontes de Barbot") P. E. H. Hair, Adam Jones e Robin Law. *Barbot on Guinea - The Writings of Jean Barbot on West Africa 1678-1712*. London, The Hakluyt Society, 1992, p. XIX.

26 James Barbot e John Casseneuve, *A Voyage to Congo-River...* In: Jean Barbot. *A Description of the Coasts of the North and South-Guinea*. London, 1732.

of the materials with which they are constructed, than the excellence of the situations which no doubt were then, and still are, the best that could possibly be fixed upon for trade; but the only settlements they now have on the coast of Africa are Loanga St. Paul's and Bassou, [sic] and a small fort at Whydah; from the former, which is their principal settlement, they send a great number of slaves to the Brasils²⁷.

Além da presença física simbolizada pelas velhas fortalezas e pela presença de populações que se dizem portuguesas e professam a religião católica, os resíduos de que fala Matthew podem ser encontrados em outros detalhes dos relatos setecentistas: nas menções ao uso do português ou de um português corrompido como língua franca da costa²⁸; nas palavras também portuguesas que diferentes grupos de africanos incorporaram na denominação de suas estruturas políticas - os *cabaceiras* ou *cabeceiras* (segundo Archibald Dalzel, em 1793, um nome português atribuído ao *head man*, grande comerciante tributário do rei²⁹) e os *alcaldes*³⁰, na hierarquia de mando do reino do Daomé; as *palavres*, *palaver* ou simplesmente *palavras*, assembleias de chefias africanas na região da Alta Guiné³¹. E também, em muitos dos relatos, na presença recorrente dos termos *fetiche*, *fetichisma*, às vezes grafado como *fittish*³², como categoria cognitiva referida aos deuses e à classificação das crenças e dos rituais das sociedades africanas.³³ Além é claro, da nomenclatura de rios, portos, cidades, cabos etc.

Sobretudo entre os séculos XVI e XVII, na perspectiva dos viajantes ingleses, franceses e holandeses, a competência dos portugueses relacionava-se também à busca de conselhos e métodos capazes de instruir a sobrevivência do homem branco no clima tropical. Da ideia geográfica vinda dos tempos clássicos, da inviabilidade de vida

27 John Matthews, *A Voyage to the River Sierra-Leone, on the Coast of Africa*. London, Printed for B. White and Son, 1788, p. 138.

28 Entre outros: Nicholas Villault. *Relation des Costes d'Afrique*, p. 53: profusão de línguas que falam os comerciantes africanos e luso-africanos; p. 109: todos falam um português corrompido.

29 Archibald Dalzel, *The History of Dahomy na Inland Kingdom of Africa*. London, Spilsbury & Son, 1793, p. V

30 Villault: "alcaide" ou "alcair", p. 49; "fetiches", p. 257; Barbot, "crenças fetiches", p. 271.

31 Matthews, "palaver, ar actions in their courts of law", p. 67.

32 Guillaume Smith, *Nouveau Voyage de Guinée, contenant une description exacte des coutumes...* Paris, Chez Durand & Pissot, 1751, p. 50 e 64.

33 Vários textos traduzem as divindades como fetiches. Entre eles, Villault, p. 257.

humana nas áreas tórridas³⁴. herdou-se a imagem da costa da África e em particular do Golfo da Guiné, como a "tumba do homem branco", associada à ideia dos ares corruptos dos trópicos e de sua ação sobre os humores hostis, de acordo com os postulados hipocráticos-galênicos³⁵. Crença difundida entre os europeus que se aventuravam nas viagens ultramarinas, acreditava-se que um clima malsão, vapores corrompidos, excesso de umidade, zonas ribeirinhas e pantanosas infestadas de insetos, pestilentas e mortíferas, produziam uma série de doenças e febres letais, além de propensões à luxúria, à ingestão de bebidas e a hábitos pouco salutares. Nessa somatória, provocavam, em última instância, altos índices de mortalidade entre a população branca, inviabilizando os estabelecimentos europeus na África³⁶. Segundo informações da época, no geral a mortalidade poderia atingir 60% dos brancos europeus, logo no primeiro ano de exposição ao clima³⁷. De acordo com Jean-Baptiste Labat, expressando as preocupações de André Brüe, diretor geral da Companhia do Senegal, nos seis primeiros anos do estabelecimento dos franceses nas margens do rio Gâmbia, haviam sido perdidos 57 entre os 180 que lá serviam³⁸. Foram também os ares pestilentos de São Tomé, segundo Olfert Dapper, retomado na versão de Jean Barbot, a causa das perdas incontáveis das tropas de ocupação comandadas pelo almirante holandês Johl, inviabilizando a manutenção do domínio sobre a ilha nas décadas de 1610 e 1640³⁹.

Viajando por São Tomé e por Angola, pelas costas da Senegâmbia, os autores dos séculos XVII e XVIII procuravam nas povoações portuguesas, indícios de possí-

34 Numa Broc, *La Geographie de la Renaissance (1420-1620)*, p. 74.

35 "Quinea fatal to europeans" é o título de um dos subcapítulos da obra de Jean Barbot, no qual discute a propriedade ou não desta assertiva: Jean Barbot, *A Description of the Coasts of the North and South-Guinea*, p. 194. Gabriel Dellon. *Nouvelle Relation d'un Voyage fait aux Indes Orientales contenant... Amsterdam: Chez Paul Marret, Marchand Librairie, 1699*, p. 285.

36 Numa obra dedicada a Colbert, o viajante francês Nicolas Villaut colocou-se contra esta assertiva, observando que foi a sua difusão que provocou o abandono dos empreendimentos comerciais franceses na costa africana, pioneiros, no seu dizer, e existentes desde o século XIV. Nicolas Villaut, Sieur de Bellefond. *Relations des Costes d'Afrique, appellées Guinée...* Paris: Chez Denys Thierry, 1669.

37 Cf os organizadores da obra de John Barbot, *Barbot in Guinea - the writing of John Barbot on WestAfrica (1678-1712)*, p.225.

38 Jean-Baptiste Labat. *Nouvelles Relations de l'Afrique Occidentale, contenant...* Paris, Chez Guillaume Cavelier, 1728, p. 333.

39 Dapper e as razões nosológicas do fracasso da WIC em se manter nas áreas atlânticas; também Jean Barbot, *A Description*, p. 409-10, referindo-se aos fluxos de sangue e as cólicas que mataram muitos holandeses que se apoderaram da ilha de São Tomé entre 1610 e 1641.

veis estratégias para garantir a sobrevivência europeia nestes climas. As avaliações de Jean Barbot - mercador de La Rochelle, huguenote refugiado em Londres após o decreto de Nantes de 1685 - concentram-se em São Tomé, ocupada desde o século XV e estrategicamente localizada sobre a Linha. Recupera a história da colonização da ilha por judeus portugueses que, diante da opção entre a conversão e o exílio, foram levados inicialmente às costas da Guiné e depois transferidos à ilha, em 1485, em razão dos ares pestilentos do continente. Ressalta também seus casamentos com mulheres africanas ("negras vindas de Angola") e à descendência mestiça como sendo a chave para se entender a maior resistência aos trópicos⁴⁰. Também em Labat, possivelmente a partir das informações retiradas da leitura que fez de Dapper, encontra-se mais ou menos explicitada uma estratégia que poderíamos classificar como sendo a de uma aclimatação ou adaptação gradativa dos portugueses aos ares das regiões do Golfo: um tempo de permanência na costa da Mina, depois um período sob o clima de Luanda e por fim, o estabelecimento mais ou menos definitivo em São Tomé⁴¹.

Além disso, e por onde passam, os textos destes viajantes descrevem e acompanham doenças e procedimentos terapêuticos, utilizando, na maior parte das vezes, e segundo seus comentaristas, informações de segunda mão. Parte significativa dos roteiros dos holandeses, escritos entre os finais do século XVI e os finais do século XVII, concentra-se no esforço de elencar e descrever as doenças ordinárias e pouco conhecidas pelos europeus que grassavam nos territórios ultramarinos, bem como as que atacavam indistintamente os homens do mar⁴². Da travessia, as referências mais comuns são feitas ao escorbuto: decorrente da má alimentação, de produtos e da água corrompidos e da tristeza - o banzo - que tomava conta indistintamente de marinheiros e de africanos transportados. Em terra, e sobretudo nas proximidades da Linha, proliferam febres (intermitentes e crônicas), disenterias e fluxos de sangue, doenças venéreas e uma série de males referidos como os do bicho: o bicho do pé, os vermes da Guiné e os "bitchos do cu", ou maculo, doença propriamente africana que, segundo os observadores da época, era característica do tráfico e por ele trazida às Américas.

Doenças do mar e da terra, africanas, mas também asiáticas, para as quais se busca terapêuticas particulares, raramente questionadas. O combate ao escorbuto de-

40 Jeán Barbot, *A description...*, p. 404 e seguintes.

41 Jean-Baptiste Labat. *Voyage du Chevalier des Marchias au Guinée, isles voisines et a Cayenne...* Paris, Chez Pierre Prault, 1730, 3º volume, p. 16.

42 Sobretudo o escorbuto, doença que atacava indistintamente marujos, oficiais e escravos transportados. Entre outros relatos, o do médico Gabriel Dellon. *Nouvelle Relation d'un Voyage fait aux Indes Orientales contenant...* Amsterdam, Chez Paul Marret, Marchand Librairie, 1699, p. 285.

pende de água fresca e de uma nutrição mais variada, de vegetais e frutas que tanto os franceses quanto os portugueses cultivam nos seus fortes em Uidah;⁴³ produtos que podem ser igualmente adquiridos nos centros de abastecimento dos negreiros, sobretudo em São Tomé e no Príncipe.⁴⁴ Os bichos ou os vermes da Guiné quando atacam os membros, devem ser retirados suavemente (*doucement*, como dizem 45), sem que se rompam, pois do contrário podem provocar danos mais graves conforme ensinam os habitantes da terra. A erva indicada para o maculo, por sua vez, é conhecida por eles como erva do bicho e faz parte da composição de sacatrapos junto a folhas de tabaco, sumo de limão e pólvora; terapêutica que deve ser ministrada antes das viagens de retorno. Pois, repetidamente advertem, se são doenças desconhecidas dos físicos europeus, serão mais facilmente diagnosticadas por cirurgiões embarcadiços em decorrência de sua larga prática.

Os conhecimentos médicos, farmacológicos e terapêuticos espalham-se pelo Atlântico sob a forma de múltiplos suportes. Receituários e notícias sobre as doenças constituem matéria essencial das narrativas de viagem, uma vez que estas guardam um cariz eminentemente pragmático, como vimos. Mas se apresentam também na forma de obras médicas que circulavam pela colônia, compêndios de medicina prática e de medicina embarcadiça, instruções, avisos e manuais destinados àqueles que se aventuram nos empreendimentos ultramarinos e dos quais as receitas eram retiradas e copiadas.⁴⁶ Tal como observava nos finais do século XVIII, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, ao se referir aos práticos que atendiam as populações, as maneiras pelas quais se convertiam em profissionais e as receitas que iam sendo compiladas:

43 Paul Isert. *Voyages em Guinée...* Paris: Maradan, 1793, p. 149

44 Em suas narrativas, Jean Barbot assinala a fertilidade das ilhas de São Tomé e Príncipe e o cultivo, nas mesmas, de gêneros para o abastecimento dos navios: laranja, limões, cocos, cana de açúcar, arroz, mandioca e grãos europeus, capítulo XI, p. 399 e seguintes e sua condição como local de reabastecimento dos navios negreiros, sobretudo portugueses.

45 Nicolas Villault, p. 307. A mesma expressão (*ou* maneira de lidar com os vermes da Guiné) aparece em Olfert Dapper, *Description de Z'Afrique ...* Amsterdam: Chez Wolfgang, Waesberge, Boom & van Someren, 1686, p. 294.

46 Entre outros: Luís Gomes Ferreira. *Erário Mineraz em doze tratados* (1735). Junia Ferreira Furtado (org.). Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro; Fundação Casa Oswaldo Cruz, 2002. Para esta reedição e tratando especificamente dos manuais de medicina prática e sua importância na colônia, o prefácio de minha autoria: Maria Cristina Cortez Wissenbach. Gomes Ferreira e os simplices da terra. Experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colônia.

Vagam em suas mãos algumas receitas, que se tem tirado dos receituários de Ferreira, Mirandella, e Mouravá, com estas e com as que têm ajuntado e recebido de alguns cirurgiões, se caracterizam médicos, e como tais se encarregam de toda e qualquer enfermidade. Ainda a mais vasta e mais escolhida biblioteca cirúrgica que por aqui se tem espalhado, não compreende mais do que as obras dos citados Ferreira, Mirandella e Mouravá; as de Curvo, Santisse, Castellos Fortes, Madeiras de qualidade céltica, a Âncora Medicinal de Pedro de Alvellos, o Diálogo Cirúrgico, do Lima do Porto, Receituário Luzitano, e já hoje com muita raridade algum col. De Villares, Thesouro Appolineo, etc⁴⁷.

Os autores dos manuais mais conhecidos da literatura médica colonial são cirurgiões que, em suas longas estadias na América portuguesa, formulam suas instruções relativas às doenças singulares e apropriadas ao clima a um público carente de informações ou mesmo de atendimento médico. Grande parte dos receituários que circulam pelo Atlântico e pelo Índico - e que compõem talvez o resultado mais expressivo das trocas que vimos contemplado, vem de práticos, "gens sans étude, sans science & sans aucune lumiere de l'anatomie, qui n'ont pour tout connaissance, qu'un certain nombre de receptes que leurs pères leur on laissé par succession..."⁴⁸, como escrevia o médico Gabriel Dellon em suas observações sobre os *panditas*, médicos gentios das Índias⁴⁸. No entanto, numa outra versão talvez menos depreciativa, a aproximação ao conhecimento etnobotânico nativo pode aparecer, nos primeiros tempos das relações interculturais entre europeus e não-europeus relacionadas à possibilidade de sobrevivência e permanência nos trópicos. Segundo Ines Zupanov, ao interpretar a obra quinhentista do cristão-novo Garcia Orta, impressa em Goa em 1563:

In his optimistic and unabashedly secular view, the problem and the key to the solution lay in the body, that is, in adapting individual, male Portuguese bodies to the trying weather and to the pernicious geographic of the Torrid Zone. The way to do that was by collecting information and constituting a body of ethnobotanical knowledge concerning local, Asian *material medica*. The ingestion of mostly tropical substances combined with selected indigenous medical practices tes-

47 Alexandre Rodrigues Ferreira. *Diário de viagem filosófica pela capitania de S. José do Rio Negro*. RIHGB, Rio de Janeiro, vol. LI, 1888.

48 Gabriel Dellon. *Nouvelle Relation d'un Voyage fait aux Indes Orientales contenant...* Amsterdam, Chez Paul Marret, Marchand Librairie, 1699, p. 294.

ted and approved by Orta himself was to infuse longevity and virility into Portuguese corporeal constitution. For this crypto-Jew forced to wear many masks to fend off the suspicion of Judaizing, the body was endlessly adapted to the exterior environment, and no higher medical or scientific authority was to be trusted than the senses and the experience[...] Hence, without actually using the world, the method for surviving in the tropics, or anywhere else, was adaptation to local air, local plants, local customs, and local languages. This is, in fact, what the Portuguese has already been doing, in fits and starts partially and unself-consciously in Asia and in Brazil⁴⁹.

Como se pode perceber em vários dos receituários que circulavam na América portuguesa – como aqueles contidos no *Erário Mineral* de Luis Gomes Ferreira - esse conhecimento estruturado a partir da experiência e da observação e cuja origem é de difícil explicitação veiculava-se na colônia, e antes dela, nas rotas de comércio pelos homens envolvidos diretamente no tráfico e acabava por ser apropriado sobretudo pelos cirurgiões que acompanhavam algumas das viagens marítimas e se fixavam em diferentes pontos dos domínios europeus, bem como por administradores e mercadores especializados no comércio de escravos.

Assim por exemplo, no século XVIII, as indicações transcritas pelo padre Labat referentes ao tráfico haviam sido transmitidas a ele ora pelo Chevalier de Marchais, capitão de navios que realizavam a travessia entre diferentes portos africanos e as colônias francesas das Antilhas, ora por André Brüe, administrador dos fortes franceses do Senegal -lembrando, neste sentido, o detalhe relevante de que Labat nunca, de fato, colocou os pés na África: "J'ay vû l'Afrique, mais je n'y ay jamais

49 Inês Zupanov, *Missionary Tropics...* p. 10-1. Com relação a esta aproximação ou plasticidade, Zupanov ressalta que, logo após a publicação dos Colóquios, e no sentido de conter a "indigenização" dos portugueses na Índia e como um instrumento profilático, o Tribunal da Inquisição se implanta de maneira feroz em Goa (cerca de 16.100 processos), aumentando os níveis de intolerância religiosa e cultural; o próprio Garcia Orta acabaria por ser executado em 1580, não tanto por suas proposições médicas e flexibilidade diante dos médicos nativos, mas pela suspeita de suas crenças religiosas. No entanto, demonstra também que junto à Inquisição implantam-se medidas que interdita aos cristão-novos o exercício da medicina, na Índia portuguesa. Sobre o assunto, Curar o corpo, sarar a alma: a missão médica jesuítica na Índia do século XVI. Oriente (*Revista Quadrimensal da Fundação Oriente*), abril 2005. Disponível em: <http://www.inezsupanov.com/publications/zupanov%20orient%202005.pdf>. Acesso em agosto de 2008.

mis le pied⁵⁰: Nos finais do século XVIII, partes das instruções que Luis Antonio de Oliveira Mendes formula foram apreendidas de um conhecimento geral que ele observava tanto no "modo com que os escravos curam na África os carbúnculos, ou antrazes", como também na experiência que vinha dos proprietários de escravos: "porque os senhores têm para si, que esta enfermidade deve seguir o seu curso, saindo as Bexigas, enchendo e secando; e que se o escravo tiver de morrer, que assim virá a suceder; e se tiver de escapar, viverá"sl. Ou ainda dos conselhos a respeito da doença banzo que lhe foram passados por um informante que o autor reputa inquestionável:

Raimundo Jalama, sujeito de probidade, digno de toda crença, que conta oitenta anos de idade, e que por vezes navegara pela Ásia; homem muito pronto e experimentado em cálculos, e projectos mercantis; e por dez anos, na cidade de S. Paulo de Luanda fora administrador do Contrato, e das Companhias do Pará e Pernambuco: estava no exercício de comprar, e remeter ao Brasil, para sortimento das ditas Companhias, um grande número de escravos em todas as estações do ano. Ele me informou a respeito desta enfermidade, que no tempo de sua administração, em um dos lotes comprados tivera certa escrava, com uma filha de sete para oito anos...⁵²

Termos e nomes de doenças em quimbundo que acabaram por ser incorporados aos vocabulários médicos brasileiros, talvez na sua versão popular: calombo, caxumba, maculo e banzo, esta última, doença psicossomática provocada pelo tráfico e pela escravidão: "um ressentimento entranhado", no dizer de Jacques Raimundo⁵³.

50 Jean-Baptiste Labat. *Nouvelles Relations de l'Afrique Occidentale, contenant...* Paris, Chez Guillaume Cavelier, 1728, prefácio do volume 1.

51 Luis Antonio de Oliveira Mendes. *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d'África e o Brazil*, apresentada à Real Academia das Ciências de Lisboa (1793). Porto, Publicações Escorpião, 1977, p. 80-81.

52 Luis Antonio de Oliveira Mendes. *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura...* p. 61; em outro trecho o autor retoma a experiência (mais significativa talvez) do mesmo Jalama que, como Administrador do contrato de fornecimento de escravos, adota uma série de medidas no sentido de diminuir as altas taxas de mortalidade do tráfico; *idem* p. 71-73.

53 Jacques Raimundo. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Renascença Editora, 1933.

Além dos manuais e dos receituários, um outro tipo de suporte ou forma a partir da qual o conhecimento endógeno é apropriado e difundido por entre as diversas partes dos vários continentes interligados pela expansão, são as "listas" dos produtos vegetais e minerais categorizados e muitas vezes classificados por suas virtudes medicinais. Verdadeiras farmacopeias, constituem inventários que resultam de longo processo de observação dos "usos e costumes nativos", um saber que passa a ser incorporado e compilado, por exemplo, nos relatórios de funcionários coloniais. Entre centenas deles, apresenta-se o rol que foi anotado possivelmente por José Francisco Viera, em 1830, administrador dos redutos portugueses em Moçambique, intitulada *Relação das cascas e raízes medicinais que se produz no Distrito de Camineng e que os pretos usam para diferentes curativos e plantas venenosas* [e junto a ela, uma] *Relação dos instrumentos rústicos de ferro e pau que os pretos sabem fazer...*

A raiz de Mafunda pelada, tomada a huma colher é boa para a esquinência e untando-se toda a parte atingida [...] A raiz de Donga, para inflamações no peito [...] A raiz de pao de Cobra para inchações e Rizipella [pode ser também aplicada em clisteres] Mubango, para arpoças e febres; Mubaffo para a asma...⁵⁴

Menções mais detalhadas aparecem também diretamente nos inventários realizados pelos viajantes naturalistas⁵⁵, ou indiretamente, como um dos itens referentes aos embargos dos navios negreiros realizados pelas autoridades inglesas que controlavam o tráfico nos inícios do século XIX. Entre os objetos apreendidos do cargueiro *Progresso*, de bandeira brasileira, proveniente de Moçambique e com cerca de 450 escravos a bordo, o reverendo Pascoe Grenfell Hill anotava um rol de produtos, uma espécie de farmacopeia negreira que misturava produtos da flora medicinal com composições metropolitanas:

The following is a nearly perfect list of the medicines provided for the negroes, found on board of the *Progresso* when taken by the Cleopatra: linseed (8 tbs) [linhaça]; marsh-mallow roots (6) [alteia]; Pearl Barney (6) [cevadinha]; Camomile (6) [camomila]; Tamarind pulp (6) [polpa de tamarindo]; Basilicum (6) [basílica]; Epsom Slats (16) [sais de Ep-

54 Arquivo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro, Ordem DL 33,03, Coleção Vasconcellos Drumond.

55 Por exemplo, Auguste de Saint-Hilaire, *Plantes usuelles des bresiliens*. Paris, Grimbert Librairie, 1824.

som]; Gum Arabic (5) [goma arábica]; "Flor de Sabugueiro" (6) [*idem*]; Pomegranate rind (5) [casca de romã]; Mana (4) [*idem*]; Calumba (4) [*idem*]; Ekektuario Cathartico (4) [Catártico eletuário]; Cream of Tartar (2) [Creme de tártaro]; Senna Leaves (2) [Folhas de Sena]; Ointment of Cantharides (2) [Unguento de Cantáridas] etc⁵⁶.

Retomando as listas provenientes do saber popular, também se encontram anotações sobre tais produtos publicados nos inícios do século XIX na imprensa Rio de Janeiro⁵⁷.

Voltando à época colonial, de todas as formas mencionadas, mas sobretudo em seus receituários, no uso de produtos da terra e na assistência médica às populações coloniais, também os jesuítas fizeram seu papel. No que tange a matéria médica, talvez a expressão máxima do diálogo entre tradições terapêuticas de diferentes procedências e a incorporação de produtos medicinais originários dos diferentes pontos do império português seja a *Coleção das Receitas Várias*, famacopeia da Companhia no Brasil que condensa a experiência dos inicianos adquirida no trato de colonos, das populações nativas e dos escravos⁵⁸. De autoria desconhecida, alguns estudiosos consideram-na obra de feitura coletiva, outros, de um exímio irmão responsável pelo sucesso da botica do Rio de Janeiro. Constitui, de fato, um grande compêndio no qual se encontram reunidas receitas desenvolvidas nos vários colégios - Goa, Rio de Janeiro, Bahia, Luanda, Macau, Maranhão etc. -, acrescidas das que foram retiradas de reconhecidos fármacos portugueses e das transportadas por cirurgiões vinculados diretamente ao comércio de escravos. Encontrava-se também aí revelada uma das receitas secretas mais prestigiadas do Novo e do Velho Mundo, a Triaga Brasília, complexa composição na qual se encontravam alguns artigos da flora medicinal brasileira - a ipecacuanha, o jaborandi, a caroba, a caapeba etc. - indicada para diferentes tipos de males: mordeduras de cobras, dores internas, lombrigas e humores corruptos, achques da cabeça, pestes e doenças endêmicas, bexigas e sarampão, paralisias, epilepsias, apoplexias e melancolia.

56 Pascoe Grenfell Hill, *Fifty Days in Board a Slave-Vessel in the Mozambique Channel in April and May*, 1843. London, John Murray, 1844, p. 94; versão portuguesa em Grenfell Hill, *Cinquenta dias a bordo de um navio negroiro*. Tradução Marisa Morrey. Rio de Janeiro, José Olympio, 2006.

57 Por exemplo, José Luiz de Godoy Torres. *Matéria médica: mapa das plantas do Brasil, suas virtudes e lugares em que florescem extraídos de ofícios de vários médicos e cirurgiões*. O Patriota, 4, agosto de 1814.

58 Fragmentos da farmacopeia jesuítica encontram-se transcritas em: Serafim Leite. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa; Rio de Janeiro, Brotéria, 1953, p. 84-97.

Edição: Joana Monteleone

Editora Assistente: Marília Chaves

Projeto gráfico e diagramação: Pedro Henrique de Oliveira

Assistente de Produção: Vitor Rodrigo Donofrio Arruda

Revisão: Flávia Yacubian

Capa: Pedro Henrique de Oliveira

Imagem da Capa: *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências das artes e dos ofícios por uma sociedade de letrados.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
G752

O império por escrito / Leila Mezan Algranti, Ana Paula Torres Megiani, organizadores. - São Paulo: Alameda, 2009.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7939-006-7

1. História geral- Congressos. 2. História moderna - Congressos. 3. Historiografia - Congressos. I. Algranti, Leila Mezan. II. Megiani, Ana Paula Torres II. Título: formas da transmissão da cultura letrada pelo no Mundo Ibérico

09-0915. COO: 930 COU: 94(100)"...105"

09-1089. CDD: 981.03
COU: 94(81)"1500/1822"

14.05.09 21.05.09

011463

[2009]

Todos os direitos dessa edição reservados à

ALAMEDA CASA EDITORIAL

Rua Conselheiro Ramalho, 694 - Bela Vista

CEP 01325-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3012-2400

www.alamedaeditorial.com.br